

A woman with long, wavy brown hair, seen from behind, stands in shallow water. She is wearing a white, short-sleeved, lace dress with a full skirt. The background is a soft, ethereal green and blue gradient. In the top left and right corners, there are close-up images of citrus leaves and flowers, including a whole lemon on the left. The overall mood is serene and natural.

CLARA SÁNCHEZ

O perfume da folha de limão

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





CLARA SÁNCHEZ

O perfume da folha de limão

Tradução
Sandra Martha Dolinsky

 Planeta



1. Nas mãos do vento

Julián

Eu sabia em que minha filha estava pensando enquanto me via com seus penetrantes olhos pretos um pouco assustados fazer a mala. Eram como os da mãe; já os lábios finos eram como os meus, mas, conforme foi crescendo e seu corpo se desenvolvendo, acabou ficando cada vez mais parecida com a mãe. Comparando-a com fotos de Raquel aos cinquenta anos, seus olhos eram como duas gotas-d'água. Minha filha achava que eu era um velho louco e irremediavelmente obcecado por aquele passado que a ninguém mais importava, do qual não conseguia me esquecer nem um dia, nem um detalhe, nem um rosto, nem um nome, mesmo que fosse um longo e difícil nome alemão. Porém, muitas vezes tinha de fazer um grande esforço para recordar o título de um filme.

E por mais que me esforçasse para parecer que estava bem, não podia evitar causar-lhe pena. Além de velho e louco, eu tinha uma artéria obstruída e, apesar de o cardiologista, para não me assustar, haver dito que o sangue encontraria um caminho alternativo desviando-se da artéria perdida, eu não me iludia com a possibilidade de voltar desta aventura. Assim, beijei minha filha como se fosse o último beijo que lhe dava, mas tentando fazer que ela não percebesse isso. Alguma vez teria de ser a última que ela me veria, e eu preferia que fosse aquela: vivo e fazendo as malas.

Mas, na verdade, jamais teria me passado pela cabeça uma loucura dessas em meu estado de saúde se não houvesse recebido uma carta de meu amigo Salvador Castro, o Salva. Não o via desde que nos aposentaram no Centro,

que havia sido montado para caçar os oficiais nazistas espalhados pelo mundo. O próprio Centro estava aposentando a si mesmo, conforme seus alvos iam chegando ao limite da velhice e morrendo; e esses monstros moribundos iam se safando de nós mais uma vez. Na maioria dos casos, o medo os mantivera alertas e os ajudara a fugir. Eles tinham medo de nós porque os odiávamos. Só precisaram aprender a farejar nosso ódio para sair correndo.

Quando recebi o envelope em minha casa em Buenos Aires e vi o remetente, senti um sobressalto que quase me fez cair duro, e depois uma emoção imensa. Salvador era um dos meus, o único que restava sobre a face da Terra que sabia quem eu era de verdade, de onde eu vinha, e do que seria capaz para não morrer e para o contrário. Nós nos conhecemos muito jovens em um corredor estreito que existe entre a vida e a morte, que os crentes chamam de inferno, e os descrentes, como eu, também. Tinha um nome, Mauthausen, e eu não imaginava que o inferno pudesse ser de outro jeito nem pior. E enquanto minha cabeça lutava uma vez mais para sair do inferno, cruzávamos o céu entre nuvens brancas, e as aeromoças deixavam um agradável aroma de perfume ao passar ao meu lado, e eu estava confortavelmente esticado na poltrona, a mais de vinte mil pés de altura, nas mãos do vento.

Salva me dizia que havia vários anos que estava em Alicante, em um asilo para idosos. Um lugar muito bom, ensolarado, em meio a laranjeiras e a poucos quilômetros do mar. No início, entrava e saía do asilo quando queria; era como um hotel, com uma suíte só para ele e menu *à la carte*. Mas depois teve problemas de saúde (não explicava quais) e dependia dos outros para que o levassem à cidade e o trouxessem de volta. Mas, apesar dos inconvenientes, não havia parado de trabalhar, a seu modo e sem a ajuda de ninguém. “Algumas coisas não podem ser deixadas para lá, não é, Julianín? É a única coisa que posso fazer se não quiser ficar pensando no que me espera. Lembra? Quando entrei lá, era um jovem como tantos outros.”

Eu o compreendia quase totalmente e não queria perdê-lo, como não se quer perder um braço ou uma perna. Sabíamos o que era “lá”: o campo de extermínio onde nos conhecemos trabalhando na pedreira. Salva sabia o que eu havia visto e sofrido, e eu, o que ele havia passado. Sentíamos-nos amaldiçoados. Seis meses após a libertação, com uma aparência que dava nojo e que tentávamos esconder com um terno e um chapéu, Salva já havia descoberto que existiam várias organizações cujo objetivo era localizar nazistas e caçá-los. Nós faríamos isso. Quando nos libertaram, alistamo-nos no Centro Memória e Ação. Salva e eu éramos dois dos milhares de republicanos espanhóis que entraram nos

campos, e não queríamos que se compadecessem de nós. Não nos sentíamos heróis, e sim pestilentos. Éramos vítimas, e ninguém gosta de vítimas nem de perdedores. Alguns não tiveram outro remédio senão calar e sentir o medo, a vergonha e a culpa dos sobreviventes; mas nós nos tornamos caçadores – ele mais que eu. No fundo, eu me deixei levar por sua fúria e sua sede de vingança.

Foi ideia dele. Quando saímos de lá, eu só queria ser normal, juntar-me à humanidade normal. Mas ele me disse que isso era impossível e que teríamos de continuar sobrevivendo. Ele tinha razão; nunca mais consegui tomar banho com a porta fechada, nem suportava cheiro de urina – nem mesmo da minha. No campo, Salva tinha 23 anos e eu, 18. Eu era fisicamente mais forte que ele. Quando nos libertaram, Salva pesava 38 quilos. Era magro, branco, melancólico e muito inteligente. Às vezes eu tinha de lhe dar um pouco do que lá chamávamos de comida: casca de batata cozida e um pouco de pão rançoso. Não por compaixão, mas porque eu precisava de Salva para seguir em frente. Lembro-me que um dia disse a ele que não entendia por que lutávamos para viver se sabíamos que íamos morrer, e ele respondeu que todo mundo iria morrer, mesmo aqueles que estavam em suas casas sentados em uma poltrona com um drinque e um charuto na mão. O drinque e o charuto representavam para Salva a boa vida que todo ser humano almeja. E a felicidade consistia em encontrar uma garota que o fizesse flutuar. Também achava que todo ser humano tem direito a flutuar pelo menos uma vez na vida.

Para vencer o terror, em vez de fechar os olhos e não querer ver nem saber, Salva era partidário de mantê-los bem abertos e reunir toda informação possível: nomes, rostos de guardas, patentes, visitas de outros oficiais ao campo, organização. Dizia-me para recordar tudo que pudesse, porque mais adiante iríamos precisar. E a verdade era que enquanto tentávamos nos lembrar de tudo, esquecíamos um pouco do medo. Logo soube que Salvador tinha a convicção de que não ia morrer naquela pedreira; nem eu, se estivesse com ele.

Quando as portas se abriram e saímos, eu corri atordoado e chorando, ao passo que Salva saiu com uma missão. Não se aguentava em pé, mas tinha uma missão. Consegui localizar e levar aos tribunais 92 nazistas de alta patente; quanto a outros, não tivemos remédio diferente a não ser sequestrá-los, julgá-los e executá-los. Eu não fui tão hábil quanto Salva; ao contrário. Nunca consegui encerrar um caso com sucesso; no fim, outros os pegavam ou eles fugiam. Parecia que o destino zombava de mim. Eu os localizava, perseguia, encurralava e, quando estava perto, eles fugiam, desapareciam; tinham um sexto sentido para se salvar.

Na carta, Salva me mandava um recorte da primeira página de um jornal publicado pela colônia norueguesa da Costa Branca, em que aparecia a foto do casal Christensen. Fredrik teria 85 anos e Karin, um pouco menos. Foi fácil reconhecê-los porque não acharam necessário mudar de nome. Segundo Salva, o artigo não os delatava, simplesmente falava da festa de aniversário que esse velho de ar respeitável deu em sua casa, com a presença de vários compatriotas. Reconheci seus olhos de águia que planam sobre a presa. Eram desses olhos que ficam gravados em você pelo resto da vida. A foto do casal não era muito boa, foi tirada na festa e publicada no jornal como uma homenagem. E, por incrível que pareça, Salva conseguiu vê-la. Fredrik não tivera compaixão, havia se manchado de sangue até o pescoço, talvez porque, não sendo alemão – embora fosse bem ariano –, tivesse de provar que era de confiança, tivesse de conquistar o respeito dos superiores. Serviu em vários regimentos das Waffen-SS e foi responsável pelo extermínio de centenas de judeus noruegueses. Eu imaginava quão cruel ele devia ter sido a ponto de se tornar o único estrangeiro merecedor da cruz de ouro.

Estavam sentados em um sofá, um ao lado do outro. Ele tinha suas grandes e ossudas mãos sobre os joelhos. Até sentado ele era enorme. Era muito difícil que conseguisse passar despercebido. Ela, porém, era mais difícil de ser reconhecida. A velhice a havia deformado mais. Eu não precisava vasculhar a memória; havia sido uma de tantas jovens loiras de rosto redondo e ingênuo com o braço erguido que preenchiam minhas lembranças.

“Não enxergo bem, meu pulso treme; você me seria de grande ajuda. De modo que, se não tiver nada melhor para fazer, espero-o. Quem sabe, pode ser que você encontre a eterna juventude”, dizia Salva na carta. Com certeza se referia ao sol, ao drinque e ao charuto. E eu não pretendia falhar com ele. Afinal de contas, eu tive a sorte de me casar com Raquel e formar uma família, ao passo que ele havia se entregado à causa de corpo e alma. Raquel tinha o dom de transformar o ruim em bom, e interpretei como outro castigo o fato de ela ter morrido antes de mim e de que seus bons pensamentos desaparecessem do mundo e ficassem os meus. Mas, com o passar do tempo, percebi que Raquel não havia me abandonado totalmente e que pensar nela me trazia paz e enchia minha mente de pequenos raios de sol.

Minha filha queria me acompanhar, tinha medo que meu coração pudesse falhar. Pobrezinha, achava que na minha idade tudo é mais difícil – e é verdade. Mas também é verdade que eu preferia morrer fazendo isso do que pensando na possibilidade de meu colesterol subir. Além do mais, pelo menos

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

